

ANÁLISE DE SINAIS-NOMES DA COMUNIDADE SURDA DE CAMPO GRANDE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Neiva de Aquino Albres¹
Elaine Aparecida de Oliveira da Silva²
Carlos Magno Leonel Terrazas³

RESUMO

Este estudo analisa como ocorreu o fenômeno de nomeação em sinais de pessoas numa comunidade linguística da capital de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Neste estudo, mais de 500 sinais-nomes desta comunidade surda foram coletados e classificados. Adotamos uma abordagem qualitativa quando da análise de informações histórico-culturais, como a origem e motivação dos sinais-nomes. Quanto ao tipo, configura-se como uma pesquisa descritiva, tem como objetivo observar, registrar e analisar as características do fenômeno de produção de sinais-nomes de uma comunidade, a pesquisa visa refletir sobre visão sociolinguística sobre o fenômeno estudado. Adotamos o procedimento de pesquisa-participante, em que os pesquisadores vivem nessa comunidade e têm uma relação mais direta com o fenômeno estudado, a fim de compreender as características do grupo e levantar os sinais-nomes desta comunidade em específico. Os resultados indicam que os sinais de nome antigos são essencialmente icônicos, em contrapartida mais recentemente há uma diminuição das caractereistas. O estudo indica na análise que do contexto social e cultural que sinais-nomes vexatórios praticamente desapareceram, mais sinais nomes inicializados-descritivos de estabeleceram. Sinais-nomes exclusivamente descritivos vem diminuindo. Considermos que apesar do contato com outras línguas, e tensões culturais da atualidade, os sinais-nomes descritivos precisam ser revisitados e inspirar novos sinais-nomes. Indicamos a necessidade de formação de professores de Libras sobre essa temática e ampla discussão com as comunidades surdas. Reforçamos que os Sinais-nomes constituem a identidade da pessoa.

Palavras-chave: Língua de sinais, Antroponomástica, Iconicidade, Taxonomias, Sinal-nome.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga a caracterização dos sinais-nomes da comunidade surda de Campo Grande - MS. A antroponomia é uma disciplina com longa tradição no estudo de nomes que possui dimensões explicativas antropológicas,

¹ Doutora em Educação Especial pela UFSCar. Docente e Pesquisadora da UFSC, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). Endereço eletrônico: neiva.albres@ufsc.br

² Doutoranda em Estudos da Tradução - PGET/UFSC, professora de Libras UFMS. Endereço eletrônico: elaine.aparecida@ufms.br

³ Doutorando em Estudos da Tradução - PGET/UFSC, professor de Libras IFMS. Endereço eletrônico: carlos.terrazas@ifms.edu.br

históricas, sociológicas e, claro, linguísticas, sendo uma área da onomástica (ciência dos nomes).

Para Dick (1998, p. 99), a onomástica e suas produções “originam-se nos próprios costumes e hábitos do grupo, definidores da macrovisão de sua cultura [...] segundo a circularidade tempo-espacial, como as formas denominativas que expressam traços ideológicos”. A partir de estudos da sociolinguística, onomástica e lexicologia já desenvolvidos foi possível caracterizar os critérios de criação de nomes pessoais em línguas de sinais.

Segundo a revisão de literatura, há quatro principais categorias de sinais-nome em Línguas de Sinais: (1) sinais-nome arbitrários (2) sinais-nome descritivos (3) sinais-nome inicializados e descritivos (híbrido) (4) sinais-nome por empréstimo linguístico (McKee; McKee, 2000).

A lacuna de pesquisa que identificamos está na falta de estudo evolutivo dessa cultura no Brasil. Para este texto, apresentamos um recorte do corpus de sinais-nomes enfocando uma análise qualitativa. As questões levantadas são: Os critérios para o batismo na comunidade surda mudaram ao longo dos anos? Quais as transformações nas formas de criar os sinais-nomes dos membros das comunidades surdas?

O objetivo, assim, consiste em caracterizar e examinar os sinais-nomes do ponto de vista histórico e evolutivo construídos para sujeitos de uma comunidade surda a fim de apreender os enfoques histórico e social dessa questão cultural (sinais-nome).

REFERENCIAL TEÓRICO

Os nomes de pessoas de uma localidade fazem parte não só da língua, mas da cultura desse povo.

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (Dick, 1990, p. 19).

Sinais-nomes são usados como nome de uma pessoa em língua de sinais, e são sinais específicos e individuais. Supalla (1990) e Mindess (1990) com trabalhos

pioneiros sobre sinais-nomes, apesar da descrição linguística e articulatória enfatizam que os sinais-nomes nas culturas surdas do mundo não são apenas úteis identificações para pessoas, mas refletem valores culturais e padrões de interação social.

Geralmente, os sinais-nomes estão relacionados a uma característica ou traço que a pessoa tem. Mas existem sinais-nomes que combinam a primeira letra do nome de uma pessoa com uma característica ou traço que ela tem. A esses fenômenos socioculturais foram atribuídas denominações conceituais, como 1) sinais de nomes arbitrários (inicializados); 2) sinais descritivos de nomes; 3) sinais de nomes descritivos inicializados ou 4) sinais de nomes traduzidos/emprestados.

A seguir apresentamos um quadro compilando estudos internacionais consultados e as denominações atribuídas para cada categoria.

Quatro 1: Comparação entre as denominações das categorias seguidas pelos pesquisadores de sinais-nomes em línguas de sinais

LÍNGUAS DE SINAIS ESTUDADAS	AUTORES	QUATRO CATEGORIAS GERAIS			
		SINAIS-NOMES DESCRITIVOS	SINAIS-NOMES INICIALIZADOS (arbitrários)	SINAIS-NOMES INICIALIZADOS E DESCRITIVOS	SINAIS-NOMES TRADUZIDOS/ EMPRÉSTADOS
American Sign language	Supala (1990)	descriptive	arbitrary (initialised) name signs	--	--
French sign language	Delaport e (2002)	Metonymic Name Signs	--	--	--
- Sign Languages of Uganda, - Sign Languages of Mali, - Sign Languages of Adamorobe, e Sign Languages of Netherlands	Nyst e Baker (2003)	descriptive name signs	initialised	--	loan translations
Estonian Sign Language	Paales (2011)	descriptive name signs	arbitrary (initialised) name signs	initialised-descriptive name signs	loan/borrowed name signs.

Fonte: Albres (no prelo)

Sinais-nomes descritivos

Para Delaporte (2002, p.204-207) os sinais-nomes descritivos baseiam-se na aparência, comportamento, vestuário, características pessoais, características especiais, e assim por diante da pessoa de referência.

Isto aplica-se às comunidades europeias, porque, por ex. Pessoas surdas americanas preferem sinais de nome inicializados arbitrariamente. Em línguas de sinais com nome descritivo dominante sistemas, os surdos consideram os sinais de nomes inicializados como formas preliminares de sinais descritivos de nomes pessoais. Os surdos americanos tendem a associar descritivos sinais de nomes pessoais com apelidos infantis (McKee & McKee 2000, p. 27).⁴

Estudos sobre os sinais-nomes indicam que os sinais-nomes, frequentemente, são recebidos mais tarde na vida, de colegas surdos, (Supalla 1990). Os sinais de nome podem mudar ao longo da vida (Meadow 1977). Os sinais-nomes surgem de estratégias de descrições de características físicas ou traços de caráter evidentes, metáforas, metonímias, empréstimos, traduções, números e ortografia (Hedberg 1994; Nonaka et al. 2015; Paales 2010; Yau, 1996). No trabalho seminal de Supalla, apenas se distinguem estratégias de nomeação descritivas e arbitrárias (Supalla 1990). No livro “*Naming in American Sign Language*” (Supalla, 1992, p.7-8) informa que o sinal arbitrário “não indica referência ao meu físico aparência ou quaisquer características pessoais”, por sua vez, os sinais descritivos tomam “os formatos de mão são classificadores usados na linguagem para se referir a tamanhos, formas, objetos e pessoas.

Sinais-nomes inicializados (arbitrários)

O sinal-nome inicializado adota o formato da mão dos nomes escritos, refere-se a uma letra do nome falado de uma pessoa. Para Supalla (1990, p.106) chamados

⁴ This applies to European communities, because e.g. American Deaf people prefer arbitrary initialised name signs. In sign languages with dominant descriptive name systems, Deaf people consider initialised name signs as preliminary forms of descriptive personal name signs. American Deaf people tend to associate descriptive personal name signs with childish nicknames (see also McKee & McKee 2000: 27).

também de Inicializados, pois ocorre o “uso de letra do nome em um ponto articulatório arbitrário.

Sinais-nomes inicializados e descritivos (híbridos)

Enquanto, Mindess (1990) identifica um tipo híbrido (referido como “inicializado-descritivo” em Paales 2010, 324). Estudos recentes aplicaram métodos mais refinados categorias, diferenciando instâncias como traduções e empréstimos (por exemplo, Nyste Baker 2003; Paales 2010).

Sinais-nomes traduzidos/emprestados

Nesta categoria, o “nome é formado com base no significado do nome pessoal oficial da pessoa de referência. Esses sinais de nome são totais ou homônimos parciais em termos da forma escrita do nome pessoal”. Como exemplo (Paales, 2011, p. 56) “carrega um sinal de nome pessoal LIIV [AREIA], derivado da palavra liiv (‘areia’) que tem semelhança com seu nome de batismo Liivi”⁵. Por exemplo, na Estônica a “ex-primeira-ministra Jenny Shipley tinha um nome de empréstimo inicializado sinal J+SHIP, derivado da inicial de seu nome e do significado de seu sobrenome (McKee, McKee 2000, p.21). O sinal-nome pessoal de Lennart Meri, o primeiro Presidente da Estônia após a restauração da independência é um sinal de empréstimo (MERI [MAR]), derivado do significado de seu sobrenome (Paales, 2011, p. 59)⁶. Assim, o seu sinal é prozido como o MAR, em Libras.

Nyst e Baker (2003) consideram que nesta categoria, o nome é uma tradução de (parte do) nome (sobrenome ou sobrenome) da língua falada ou de uma palavra associada a ela. Por exemplo, o sobrenome Ros, que significa “cavalo” em holandês, em que o sinal-nome da pessoal ficou como o sinal de cavalo.

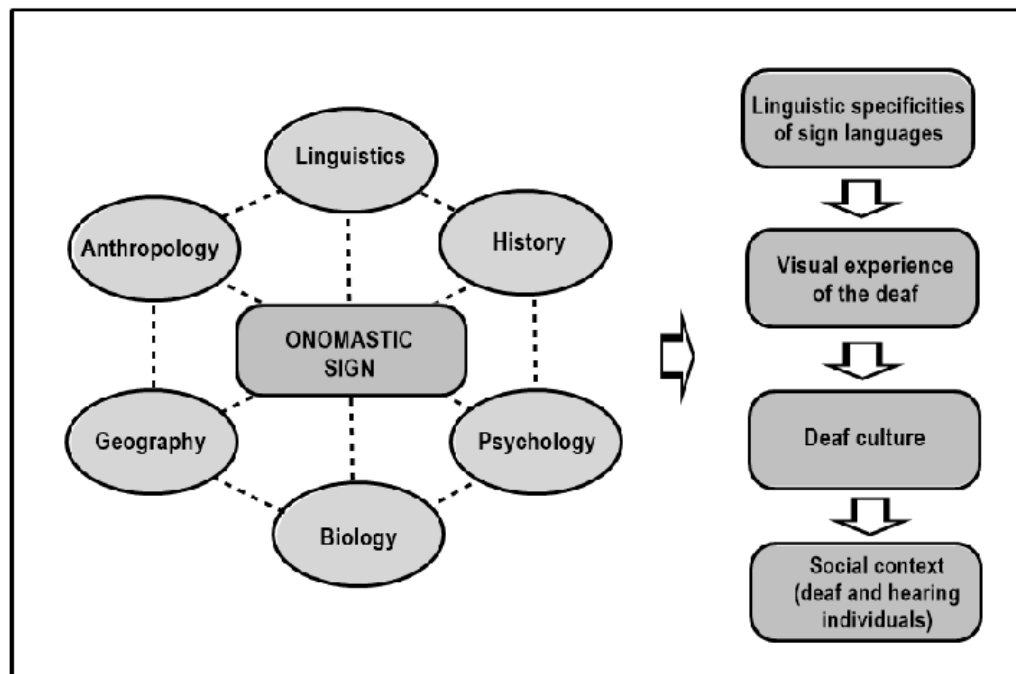
Dessa forma, encontramos as análises sobre instâncias como traduções de empréstimos, principalmente, em Nyst e Baker (2003) e (Paales 2010).

⁵ The first one of them carries a personal name sign LIIV [SAND], derived from the word liiv (‘sand’) which bears resemblance to her given name Liivi.

⁶ The personal name sign of Lennart Meri, the first President of Estonia after restoration of independence is a loan sign (MERI [SEA]), derived from the meaning of his surname.

Usuários nativos da ASL não gostam de sinais de nome combinados, porque eles são comuns agora, mas não eram comuns antigamente nas comunidades surdas. Para eles, um sinal de nome híbrido é como uma interferência na cultura surda. Então, indicam ser melhor receber o seu sinal de nome de alguém que seja culturalmente surdo. Isso também ocorre porque, para ser aceito na comunidade surda, você tem que mostrar respeito pela língua de sinais nativa. (Delaporte, 2002). Contudo, temos observado, atualmente, no Brasil, que os próprios professores surdos que ensinam línguas de sinais têm adotado a forma híbrida (descritivo e inicializado) para atribuir sinais aos seus alunos, recém-chegados as comunidades surdas. Esse fenômeno deve ser analisado por uma perspectiva intercultural. Sousa (2023) reflete a complexa relação do sinal-nome com aspectos antropológicos, geográfico, biológico, psicológico, histórico e linguístico. Isso refere-se pela relação da cultura surda e experiência visual com aspectos linguísticos específicos, como apresentado na figura 1.

Figura 1: O estudo onomástico da libras: uma perspectiva interdisciplinar.



Fonte: Sousa (2023, p.9)

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376530347_Onomastica_em_Libras

METODOLOGIA

Adotamos uma abordagem qualitativa quando da análise de informações histórico-culturais, como a origem e motivação dos sinais-nomes. É uma pesquisa de natureza pura, visto que a sua realização possui um teor mais teórico. Quanto ao objetivo, configura-se como uma pesquisa descritiva, tem como fim observar, registrar e analisar as características do fenômeno de produção de sinais-nomes de uma comunidade, a pesquisa visa mostrar uma nova visão sobre o fenômeno estudado. Adotamos o procedimento de pesquisa-participante, em que os pesquisadores vivem nessa comunidade e tem uma relação mais direta com o fenômeno estudado, a fim de compreender as características do grupo, contribuindo para as ciências humanas.

Para Brandão e Steck (2006, p. 12), a pesquisa participante tem como essência ser um “repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência de ações que aspiram gerar transformações”.

Como procedimento, os pesquisadores estão envolvidos na comunidade estudada, vivendo em sua própria realidade. A partir de interações reais se observa e registra os sinais-nomes. A pesquisa tem como princípio a democratização de saberes, um olhar aprofundado para a diversidade. Concebe-se não haver neutralidade dos investigadores, não se busca uma “verdade” generalizável, não se separar pesquisador-objeto de pesquisa.

Para tanto, o grupo de pesquisa cria um corpus de 500 antropônimos (sinais-nomes), coletados das árvores genealógicas dos autores, membros desta comunidade surda, e das redes sociais que registram seus amigos, como: membros da comunidade surda de Campo Grande – MS pertencente a diferentes congregações religiosas (católica, batista e presbiteriana); escolas de surdo e secretarias de educação com a listagem de professores, intérpretes e alunos. Para a criação do corpus não houve qualquer contato com seres humanos, a listagem e registro foi produzida pelos autores. Na categoria instrumento de pesquisa para a produção do corpus e armazenamento, utilizamos uma planilha do Excel, do pacote Office da Microsoft. A cada nome, categorizamos sobre a motivação conforme McKee e McKee (2000), também procedemos com a classificação em termos das categorias e

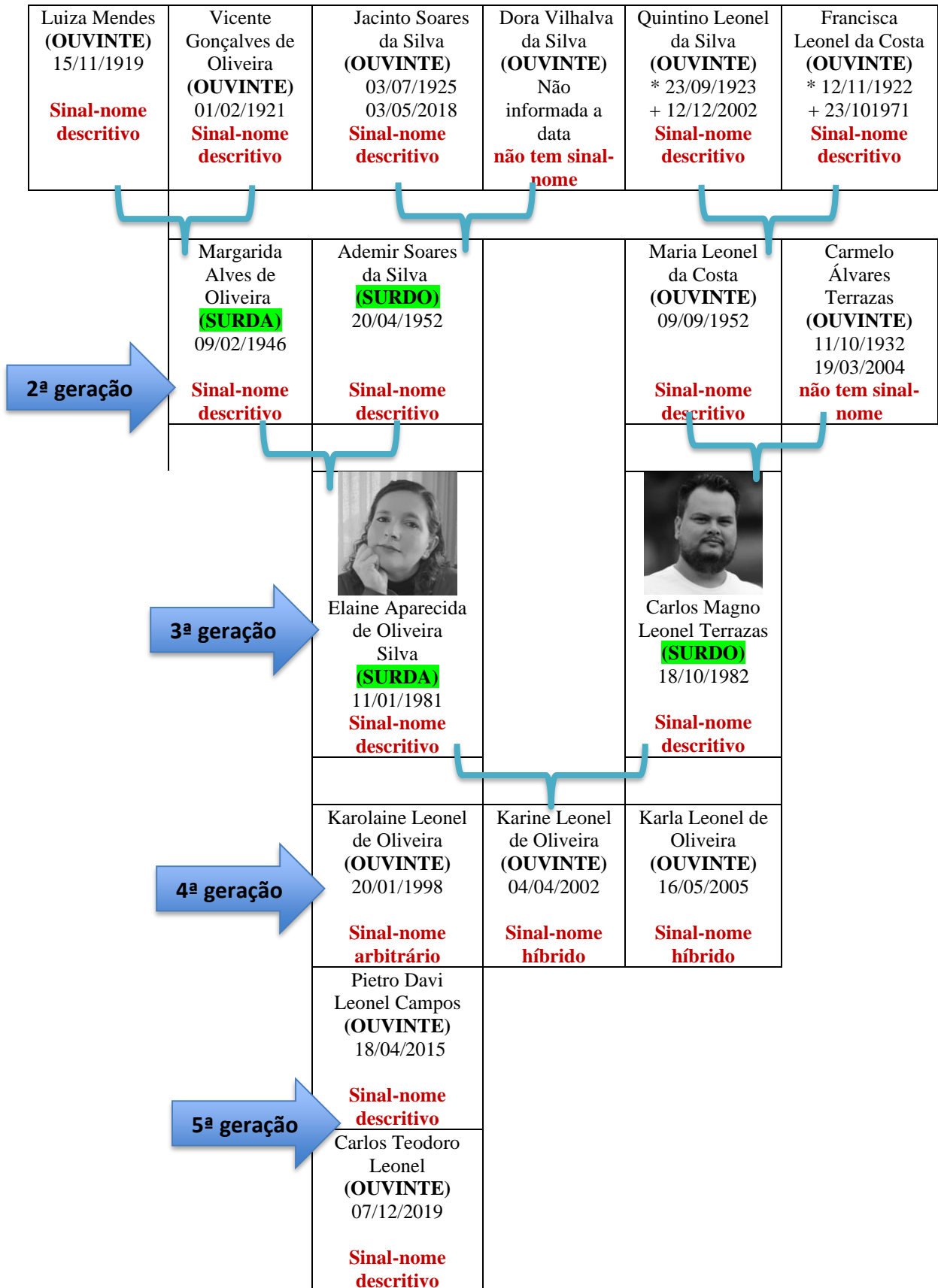
subcategorias seguindo a taxonomia antroponímica proposta para a Libras por Barros (2018), analisando a produção articulatória. Indicamos um link com acesso de vídeo em Libras armazenado pelo grupo de pesquisa em pasta do Drive. Em observação participante, uma dada observação pode ser descrita como técnica, se previamente sistematizada – mediante a organização lógica em um corpus – de acordo com os objetivos da pesquisa (Queiroz et al., 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A contribuição desta pesquisa está no ineditismo e na abrangência dos dados em perspectiva histórica. Compilamos sujeitos da comunidade surda desde 1905 até 2024, corresponde a uma cobertura de 120 anos, o que evidencia significativamente a evolução histórica e cultural da criação de sinal-nome em Libras.

Averiguamos que o sistema de sinais-nomes mudou nos últimos cinquenta anos. Antigamente, os surdos atribuem sinais de nome aos seus irmãos, filhos ouvintes, muitas dessas pessoas eram sinalizadoras nativas e cresciam em interação com os pais e os amigos surdos. Nos anos de 1990, amplia-se a atribuição de sinais-nomes a pessoas fora do convívio familiar, incluindo médicos, professores de surdos ou os intérpretes de língua de sinais atribuído pelos seus alunos. Atualmente, pessoas ouvintes mesmo sem contacto com a comunidade surda, como artistas e políticos da cidade têm sinais de nomes.

A partir da árvore genealógica dos autores Elaine Aparecida de Oliveira da Silva e Carlos Magno Leonel Terrazas, casados, desenvolvemos um recorte do núcleo familiar para apresentar uma descrição e análise sobre as formas de criação dos sinais-nomes dos membros. Apresentamos cinco gerações, iniciando nos avós de Elaine e Carlos, apesar de terem membros surdos e pessoas com sinais-nomes antes desta geração, conforme apresentado no quadro 1.



Tomando como referência a árvore genealógica do núcleo familiar de Elaine Aparecida de Oliveira Silva e Carlos Magno Leonel Terrazas, surdos, descreve-se abaixo a categorização dos sinais-nomes.

1ª geração: A primeira geração é composta por seis avós de Carlos e Elaine, nascidos entre os anos de 1919 e 1925. Cinco tem sinais-nomes descritivos, relacionados a uma doença fisicamente aparente, pela profissão. Para as mulheres a característica física do cabelo é mais motivadora.

2ª geração: A segunda geração é composta por quatro pais, os pais de Elaine são surdos e os pais de Carlos são ouvintes. Três dos pais têm sinais-nomes descritivos, um pai não tem sinal-nome, visto que não tinha uma convivência próxima com o filho, era chamado de papai, apenas.

3ª geração: Carlos e Elaine, provenientes de família de surdos, têm sinais-nomes descritivos. Elaine motivado pelo penteado infantil e Carlos pelas bochechas. Carlos não tem pais surdos, mas tem tios e primos.

4ª geração: As filhas do casal Karolaine, Karine, Karla todas com o nome inicializado com a letra “K” também tem no sinal-nome a configuração de mão da letra K. Contudo:

- A primeira filha Karolaine tem o sinal-nome pela configuração de mão em “K” e movimentada em frente ao corpo em um espaço neutro e não está associado a nenhuma característica física, sendo caracterizado como arbitrário ou apenas inicializado.
- A segunda filha Karine tem o sinal-nome pela configuração de mão em “K” produzido por leves toques na bochecha, relacionado ao sinal do pai.
- A terceira filha, Karla, o sinal-nome é composto pela configuração de mão em “K” produzido na testa e mesmo movimentado do sinal da mãe (Elaine). ou seja, relacionado ao cabelo.

5ª geração: Os netos de Carlos e Elaine têm os sinais-nome descritivos. O sinal do primeiro neto está associado ao formato dos lábios mais carnudos, o sinal do segundo neto por ter o mesmo nome do avô Carlos combinou-se a configuração de mão do sinal do avô e o toque na bochecha.

Evidenciamos que na quarta e quinta geração ocorre como descrito na literatura para sinais de filhos de pais surdos.

o sinal descritivo do nome refere-se à aparência ou características de uma pessoa; um sinal de nome arbitrário simplesmente nomeia e não tem outro significado. Em que a seguir, apontarei as distinções entre esses sistemas de nomenclatura e discutir em detalhes as propriedades linguísticas e os fatores sociais do sistema arbitrário. Argumentarei também que ambos os sistemas de sinais de nomes fornecem sinais de nomes primários para crianças surdas (ou seja, não são usados para criar apelidos) e que apenas o sistema arbitrário de sinais de nomes é nativo, como eu observamos que sempre que os pais surdos têm a oportunidade de nomear uma criança, eles usam exclusivamente o sistema arbitrário de sinais de nomes (Supalla, 1990).

Constatamos que a cultura surda mantém a tradição do “batismo” atribuindo um sinal-nome em língua de sinais para os membros das comunidades surdas. Contudo, observou-se que os critérios para a criação desse sinal-nome mudaram. Podemos categorizar que em meados de 1990 os sinais-nomes eram motivados essencialmente por característica física marcante da pessoa ou pela profissão, utilizando-se de um espaço de sinalização amplo desde o quadril à cabeça, inclusive na parte posterior do corpo. Esse modo de sinalização foi sendo reduzida para sinais no braço e rosto, apenas no espaço à frente do sinalizador, a partir dos anos de 1980.

Outro fator é que atualmente há grande influência do nome de registro em português, incluindo a primeira letra do nome por escrito na produção do sinal-nome, mais evidente em pessoas nascidas após 1990. Em Campo Grande, diferentemente de outros países como Estados Unidos da América ou Inglaterra, a utilização de um sinal-nome só pela utilização das letras do nome e sobrenome não foi encontrado em nenhum membro, ou seja, não identificamos sinal totalmente com letras. Esta investigação sistemática examinou a robustez do efeito nome-letra entre cortes etários. Em uma grande amostra heterogênea encontramos preferências de letras iniciais dos nomes associada a uma característica física, principalmente, para membros nascidos a partir dos anos de 1990. Evidenciamos o uso de letras do alfabeto manual, geralmente, a primeira letra do nome associada a característica do cabelo, face ou vestuário, ou seja, configura-se como sinais-nome inicializados e descritivos (híbridos). Os resultados obtidos mostram uma maior frequência de antropônimos relacionados a aspectos sociais e mistos, dito de outra forma, pela combinação de diferentes motivações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos sinais-nomes estudados, concluímos que do ponto de vista histórico houve uma transformação dos nomes-sinais, de sinais essencialmente descritivos evidenciando características físicas, de profissão, de ações, e trejeitos transcursam para o processo de redução de grandes expressões icônicas e pantonímicas culminando na fusão desses elementos para a criação de cada sinal-nome. Articulados em todo o corpo, inclusive quadril e pernas. Atualmente, os sinais-nomes são mais híbridos, motivados pela letra do nome e por uma característica física, articulados, em sua maioria, no rosto, cabeça e braço. Evidencia-se uma redução articulatória e a influência do nome em português para a criação dos novos sinais-nomes. Assim, a pesquisa gerou um panorama histórico antes não traçado no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda a comunidade surda de Campo Grande – MS e aos nossos familiares surdos que nos proporcionaram ter a Libras como língua de herança e conforto.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. Análise de sinais-nomes da família Aquino de Campo Grande – MS no século XX: de um ponto de vista sociológico. Proposta de dossiê: História da educação de surdos: tradições, memórias, fontes, perspectivas teóricas, metodologias e experiências" organizado por profa. Dra. Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado, para a Revista ETD- Educação Temática Digital. (2025 ?) No prelo.

BRANDÃO, C. R.; STECK, D. Pesquisa participante: a partilha do saber. In: _____ . (Org.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. São Paulo, Aparecida: Idéias e Letras, 2006. 295 p.

DELAPORTE, Y. **Les sourds, c'est comme ça**: Ethnologie de la surdimutité. Collection Ethnologie de la France, vol. 23. Paris: Édition de la Maison des sciences de l'homme. Resenha. 2002.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, v. 10, p.61-69, 1998.

McKee, D., and R. L. McKee. Name Signs and Identity in Deaf Communities in New Zealand Sign Language. In: **Bilingualism and Identity in Deaf Communities**, ed. M. Metzger, Washington, D.C.: Gallaudet University Press. p.3–40. 2000.

MEADOW, K. Name Signs as Identity Symbols in the Deaf Community. **Sign Language Studies**. Vol 1. n.16. p.237–246. 1977.

MINDESS, A. “What name signs can tell us about Deaf culture.” In **Sign Language Studies**. Washington DC: Gallaudet University Press. Vol. 66. p.1-23. 1990.

NYST, V. A. S. A; BAKER. The Phonology of Name Signs: A Comparison between the Sign Languages of Uganda, Mali, Adamorobe, and the Netherlands. In **Cross-linguistic Perspectives in Sign Language Research**, ed. A. Baker, B. van den Bogaerde, and O. Crasborn. Hamburg: Signum. p.71–80. 2003.

PAALES, L. On the System of Person-Denoting Signs in Estonian Sign Language: Estonian Name Signs. **Sign Language Studies**. Vol. 10 n.3. p.317–335. 2010.

PAALES, L. **Name Signs For Hearing People**. Folklore: Electronic Journal of Folklore. Vol 47, p.43–76. 2011.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Rev. Enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, Vol. 15, n.2, p.276-283. 2007.

SOUSA, A. M. de. Onomástica em Libras. **Revista GTLex**, Uberlândia, Vol. 9, p. e0905, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/71041>
Acesso em: 10 set. 2024.

BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – A Motivação dos Sinais-Nomes. **Revista RÉ-UNIR**, Vol. 5, n. 2, p.40-62, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/artigo/visualizar/3092> Acesso em: 14 nov.2021

SUPALLA, J. S. The arbitrary name sign system in American sign language.” In **Sign Language Studies**. Washington DC: Gallaudet University Press. Vol. 67. p.99-126. 1990.

SUPALLA, S. J. **The Book of Name Signs**: Naming in American Sign Language. San Diego: DawnSignPress. 1992.